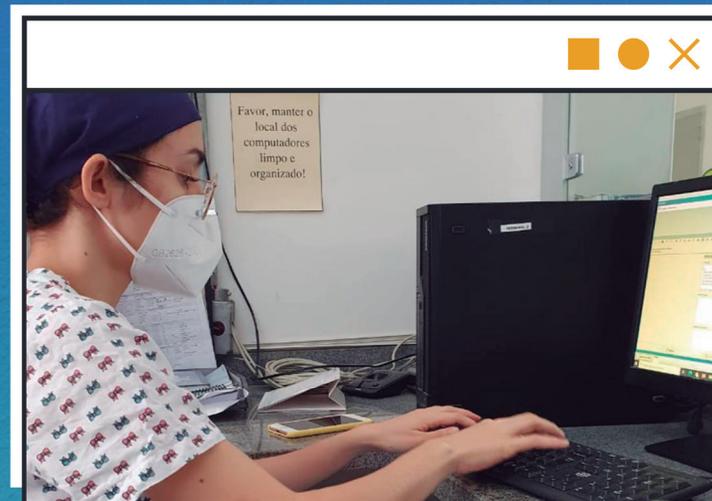


**COM A
PALAVRA**

As vivências universitárias durante a pandemia



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

Expediente



Reitor

Luiz Otávio de Magalhães

Vice - Reitor

Marcos Henrique Fernandes

Assessor Geral de Comunicação

Rubens Jesus Sampaio

Coordenador de Comunicação

Patrick Moraes

Edição e Revisão

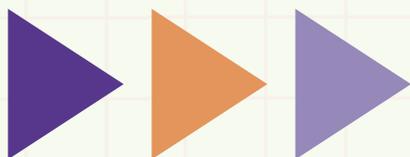
Aline Luz

Mariana Lacerda

Patrick Moraes

Artes e Diagramação

Tâmara Aguiar



Índice



04

Apresentação



07

O ensino longe das salas de aula



13

A ciência em prol da vida



20

Uesb e comunidade: uma parceria que resistiu à pandemia



28

Saúde: do atendimento presencial ao remoto



35

Em alerta com a Saúde Mental



42

Janelas para o mundo



48

#CulturaSalva: como fazer arte no distanciamento social?



56

Os Formandos da pandemia



63

Linceça Poética



Apresentação

26 de Fevereiro de 2020. Um desconhecido e poderoso vírus mudava completamente o percurso da vida de milhões de brasileiros, ao ser confirmado o primeiro caso de Covid-19 no país. As notícias que nos assustavam em outros lugares do mundo passaram a se aproximar do dia a dia de cada um. Os números aumentavam em escala quase que proporcional aos questionamentos sobre essa nova doença que poucas certezas trazia.

16 de março de 2020. As primeiras restrições foram adotadas na Uesb, buscando conter a propagação do novo coronavírus. Começava ali uma nova história a ser escrita coletivamente. Com desafios e superações, gestores, professores, funcionários e estudantes deram início a uma jornada de muitas descobertas e coragem.

As tecnologias se tornaram, ainda mais, parceiras. As salas de aula foram

substituídas, temporariamente, pelas telas do *Google Meet*. Aos poucos e com segurança, a Universidade foi afirmando sua verdadeira força: a transformação por meio do conhecimento. As comunidades de Fora e de dentro encontraram uma solução para manter esse vínculo tão precioso mantido há anos.

A ciência foi um espetáculo à parte. As pesquisas não pararam. Cresceu a busca por respostas para tudo que a Covid-19 ainda deixava em aberto e, também, para tantos outros problemas sociais. Junto aos cientistas, estava a comunicação. Era preciso não só encontrar respostas como transmiti-las a todos. Informação de confiança, baseada na ciência, capaz de promover a mudança que todos desejavam.

A Universidade não parou! Os sonhos encontraram caminhos diferentes para se tornarem reais. As realizações chegaram



à distância para aqueles que encerraram seus ciclos acadêmicos. Os abraços ficaram guardados, mas a emoção não sucumbiu, estava presente até mesmo nas janelas virtuais de uma colação de grau pelo YouTube.

Cada experiência vivida, certamente, marcará a trajetória profissional de cada um. Nos hospitais e centros de saúde, nas salas virtuais de aula, na construção de notícias, no pensamento crítico, na produção de arte, na proposição de novos caminhos. A pandemia nos fez lembrar da nossa capacidade de olhar por outro ângulo, de encontrar outras rotas, de perceber o outro e, principalmente, de nos reconhecermos mais fortes e mais resilientes.

15 de outubro de 2021. Já é possível respirar com mais alívio depois de a ciência nos trazer a tão esperada vacina contra a Covid-19.

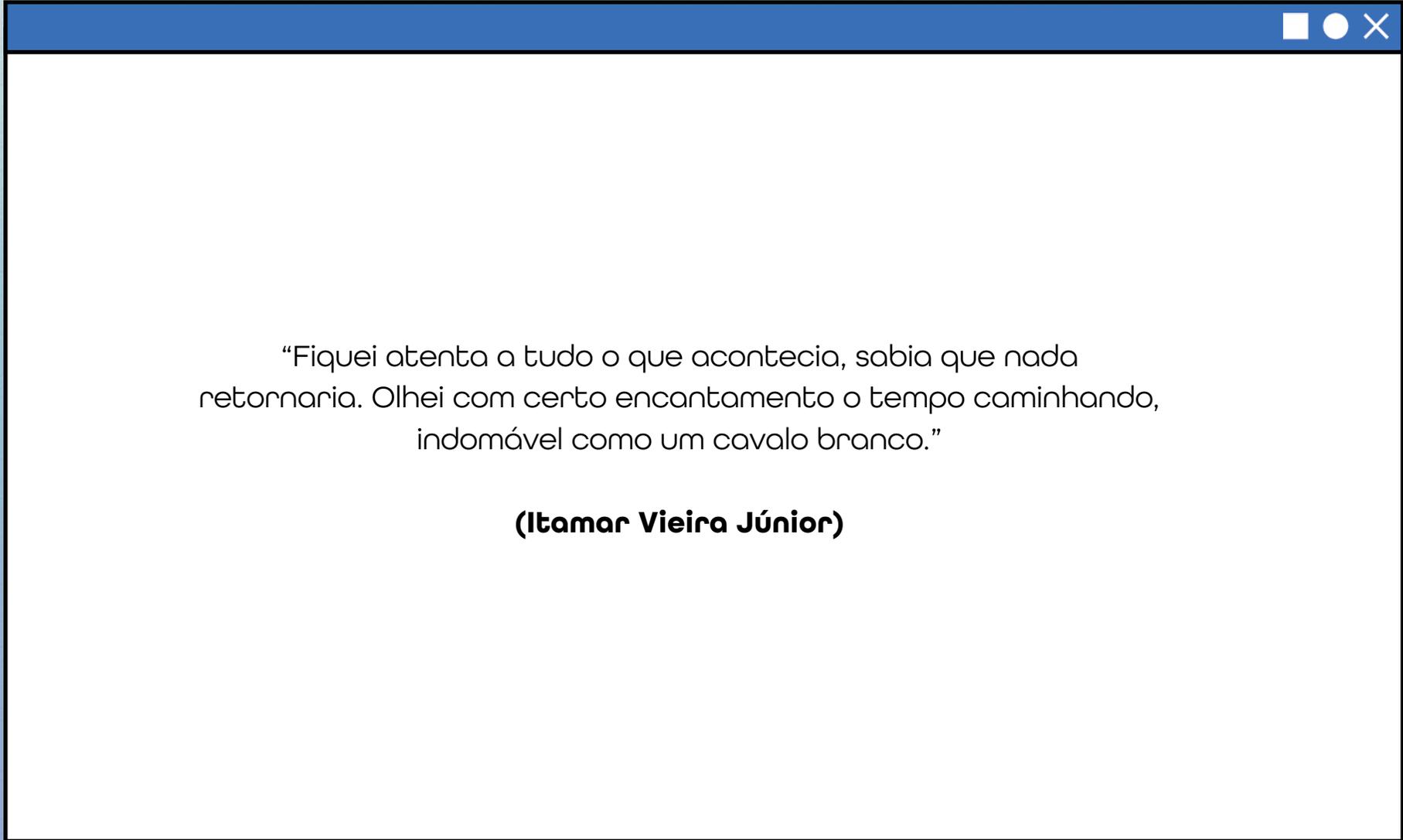
Os cuidados ainda precisam ser mantidos. O desejo de entregar cada abraço guardado nos faz acreditar no amanhã. E algumas das histórias vividas nisso tudo estão reunidas nesta 4ª edição do e-book “Com a Palavra”.

Boa leitura!



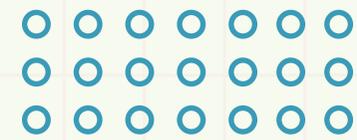
Patrick Moraes,
jornalista





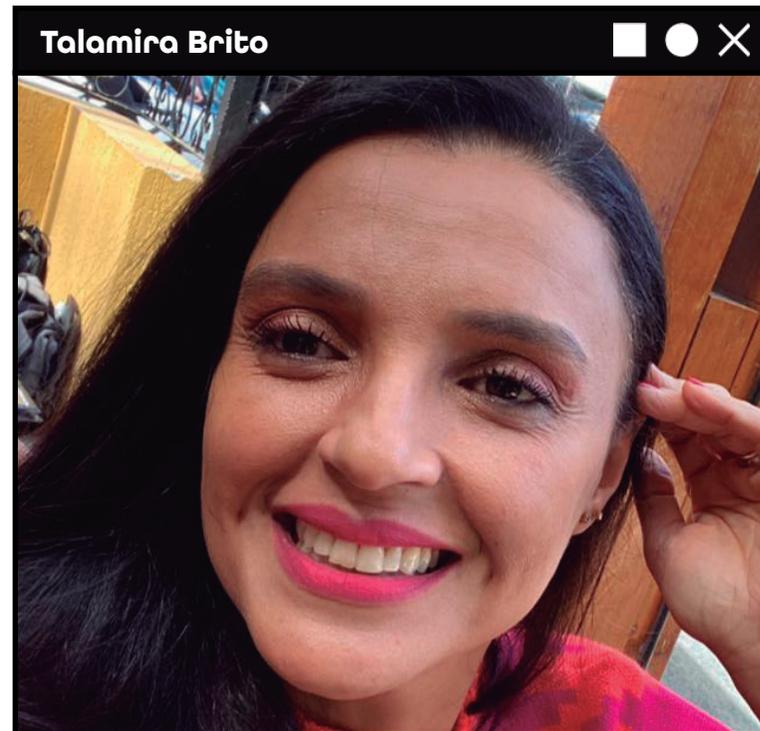
“Fiquei atenta a tudo o que acontecia, sabia que nada retornaria. Olhei com certo encantamento o tempo caminhando, indomável como um cavalo branco.”

(Itamar Vieira Júnior)



desafios de viverem experiências pessoais e profissionais intensas no período de pandemia da Covid-19. Professores que, no último ano, tiveram que se adaptar ao ensino remoto, longe do espaço físico e sem interação presencial com seus alunos.

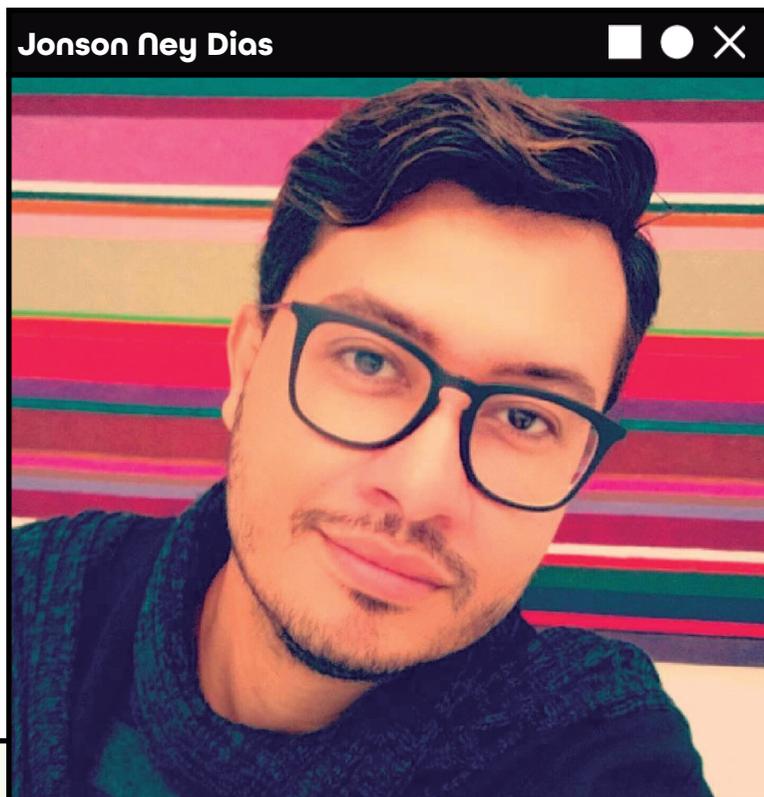
Talamira Brito atua na educação há mais de 20 anos. Ela havia acabado de se apresentar ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Uesb após finalizar o seu pós-doutorado misto na Universidade de Valência, na Espanha, e na Universidade Federal de Uberlândia. A professora retornou à Vitória da Conquista com saudade da sala de aula e com muito entusiasmo para colocar em prática tudo o que foi aprendido durante seus dois anos de pesquisa voltados para a Educação. Mas, quando chegou à cidade, Talamira foi surpreendida com a medida de restrição de circulação. Naquele momento, ainda se acreditava que a doença seria



controlada e não se transformaria em uma das maiores crises de saúde do mundo.

De aluno a professor - Já Renildo Conceição estava colhendo os frutos dos seus anos de investimentos nos estudos. Recém-

Formado na licenciatura em Geografia da Uesb e aprovado no Programa de Pós-Graduação em Geografia, ele retornou à casa onde passou quatro anos durante a graduação para fazer o tão sonhado curso de Mestrado na área. Ainda em Fase de comemoração pela aprovação, o mestrando



Foi surpreendido pela pandemia, quando estava ministrando aulas em curso particular de pré-vestibular e atuando como professor monitor do Programa Universidade Para Todos (UPT).

A partir de então, Renaildo passou a frequentar a sala de aula, tanto como aluno quanto como professor, da maneira que se tornou possível. Sem saber até quando tudo ia durar, ele começou a assistir às aulas do Mestrado de forma on-line e, no auge da sua vivência profissional, passou a atuar dando aulas de Geografia de forma virtual no UPT.

Ensino na era digital - Com Jonson não foi muito diferente. Professor do curso de Matemática, vinculado ao Departamento de Ciências Exatas e Tecnologia da Uesb, acostumado com as conversas nos corredores e o contato presencial com alunos do curso, a pandemia foi sentida com





impacto em sua vida. O matemático conta que se viu de “calças curtas”, sem saber como enfrentar o momento. Se de um lado os alunos não sabiam como aproveitar os estudos na modalidade on-line, do outro, os professores estavam apreensivos, pensando em formas de contornar a situação e garantir o andamento do ensino, sem perder de vista o cuidado com a sua própria saúde mental e a dos estudantes.

O professor, que desde o início da sua graduação é familiarizado com pesquisas sobre tecnologias educacionais, se concentrou nas vantagens e desafios de inserir a Ferramenta no ambiente acadêmico. Em sua leitura, algumas instituições tinham resistência, dificuldade ou falta de recursos para inserir o suporte digital. Para ele, era como se a tecnologia sempre “batesse na porta” da escola querendo entrar. “Agora, na pandemia, a gente viu que ela cansou

de bater na porta, deu um chute e entrou de vez! A vinda da tecnologia transformou todas as práticas e o pensar pedagógico relacionado ao ensino”, avalia o docente.

Por possuir experiência na área e desenvolver pesquisas sobre as tecnologias voltadas ao sistema educacional, o matemático relata que se sente mais confortável e seguro. Segundo ele, isso se deve às suas inquietações e à inserção da ferramenta nas aulas, grupos de pesquisas e cursos de extensão.

Alternativas e desigualdades - Em meados de 2020, a professora Talamira começou a ministrar uma das disciplinas do curso de Mestrado em Ensino na Uesb. Apesar de ser um público menor e mais avançado, naquele momento, não havia uma consolidação de como seriam as aulas remotas. A docente relatou que iniciou as aulas utilizando uma



plataforma de reuniões on-line. “Fomos construindo, coletivamente, essa relação do não saber com o que sabemos. O não saber lidar que era uma relação compartilhada entre eu e os mestrandos, mas, ao mesmo tempo, o que cada um sabia para prosperar em um movimento melhor para realização da disciplina”, pontua.

Apesar de encontrar essa alternativa, Talamira relata que tudo tem sido difícil. Por ser uma pessoa com sinestesia, a professora conta que gosta de estar perto dos colegas e dos estudantes, e de viver seu espaço de trabalho.

A necessidade de atividades remotas potencializou a desigualdade que se reflete nas salas de aula, pois nem todos possuem acesso de qualidade à internet e a equipamentos tecnológicos. Para Jonson, a tecnologia deve ser pensada como política

pública. “O aluno é um ser tecnológico, ele usa redes sociais”, aponta. O professor ainda cita a gamificação. Nos últimos anos, os jogos passaram a ser utilizados como atributo para o ensino do conteúdo pedagógico dentro e fora da sala de aula.

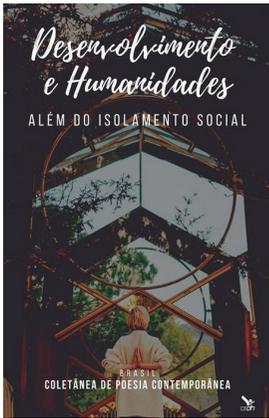
Muita coisa mudou. Para Talamira, a história que envolve as conquistas da Educação Brasileira mostra que, durante todo esse tempo, a pasta foi vista com muita negação antes mesmo da pandemia. “A luta continua! Tento a todo momento levar esse debate para sala de aula, no intuito de que haja outros movimentos de reedificação”, Finaliza.



Tarcísio Arcanjo,
estagiário de Jornalismo



Baú de Inspirações



“Desenvolvimento e Humanidades: além do isolamento social” (2021)

A coletânea reúne 140 textos inéditos que vão desde poesias e poemas até narrativas e sonetos sobre sentimentos e a luta para manter viva a esperança e a vida durante o período de pandemia. A obra é do Centro de Referência e Desenvolvimento em Humanidades da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

“Desumanizados” (2020)

Entre ensaio, ficção e narrativa breve, o livro é um convite à reflexão sobre questões como os tempos de isolamento social, a pandemia, o medo de circulação pelos espaços da cidade e a exposição exacerbada nas redes sociais. A obra é de Nélio Silzantov (pseudônimo de Gledinélcio Silva Santos), egresso do curso de Filosofia da Uesb.



A ciência em prol da vida

Pessoas fazem ciência e a ciência ajuda as pessoas. Assim, pessoas ajudam pessoas. O atual contexto vem se desenhando dessa forma, ao mostrar o quão importante tem sido a participação de cientistas e suas pesquisas para combater a pandemia causada pela Covid-19, desde o fim de 2019.

Na Uesb, muitas têm sido as contribuições dos cientistas diante desse cenário. É o caso dos professores Ana Cristina Duarte, Bruno Andrade e Carlos Bernard Moreno, cientistas que, antes de tudo, são pessoas dispostas a entregar seus conhecimentos e contribuir, cada um em sua área, com a sociedade afetada pela pandemia.

Orientação para (futuros) cientistas - À frente da “Escola de Pesquisadores”, a professora Ana Cristina Duarte, que atua na Uesb há mais de 30 anos lecionando Ciências, Biologia e Educação Inclusiva, foi desafiada

a pensar, junto com sua equipe, em um novo formato para dar continuidade ao projeto de extensão. “Nesse período de isolamento social, as pessoas precisavam ser estimuladas de alguma forma. Então, retomamos nossa pesquisa e projeto de extensão em um novo formato”, comenta a docente do Departamento de Ciências Biológicas, campus de Jequié.

A ideia do projeto é auxiliar na construção do saber científico, contribuindo para que mais estudantes possam ter acesso à produção acadêmica. Por meio de palestras e oficinas, eles são estimulados a pensar sob a ótica da ciência, na elaboração de artigos acadêmicos, e aprendem como formular perguntas e hipóteses, desenvolver o trabalho e mostrar os resultados.

“Considerando a ciência como conhecimento produzido em todas as áreas e a importância

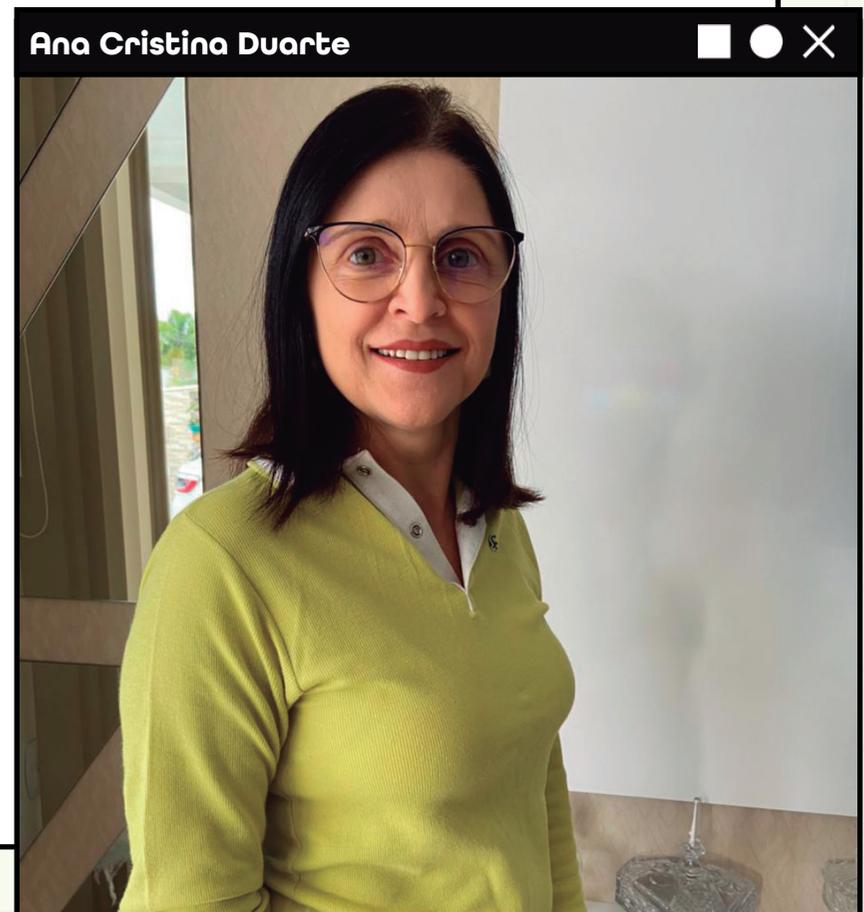


do método científico para promover as pesquisas, nosso projeto de extensão, que foi inserido em 2020, teve a proposta de oferecer lives para a comunidade”, explicou a professora. Assim, foram realizadas cerca de 15 lives da “Escola de Pesquisadores”, com participação de até mil pessoas em cada, de diversos estados do país.

Estudos sobre Covid-19 - Assim como a professora Ana Cristina, o professor Bruno Andrade, do Departamento de Ciências Biológicas, fez a diferença quando o assunto é ciência na pandemia, participando diretamente na busca por soluções para os problemas causados pela Covid-19. No Laboratório de Bioinformática e Química Computacional, do campus de Jequié, ele realiza pesquisas voltadas para o desenvolvimento de fármacos.

“Quando surgiu a pandemia, buscamos, inicialmente, drogas e fármacos contra

a Covid. Não se sabia muito o que era essa doença, então identificamos alvos que pudessem ser atacados”, explica. No entanto, no decorrer do trabalho, foram desenvolvidas pesquisas em outras áreas,



como: a identificação de moléculas que pudessem impedir o vírus no ambiente; a identificação de partes do vírus, das quais pudessem ser desenvolvidas vacinas; e a identificação de aspectos do vírus que



pudessem induzir consequências no ser humano, tais como sintomas.

Além da participação de bolsistas e estudantes de graduação e pós-graduação, os projetos também contaram com parcerias nacionais, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e internacionais, como instituições nos Estados Unidos, Índia e Inglaterra. Até o momento, o professor e sua equipe publicaram nove artigos acadêmicos e outros trabalhos continuam em andamento.

Informação de qualidade - Paralelo a essas contribuições, o professor Carlos Bernard Moreno, do Departamento de Ciências Biológicas, em Itapetinga, com atuação nas áreas de Genética e Biologia Molecular, focou na distribuição de informações. De acordo com ele, junto com a pandemia, surgiu também a necessidade de aproximar



a Universidade da comunidade. “O que motivou o campus de Itapetinga a interagir com a comunidade, no sentido de informar sobre a Covid-19, foi a constatação de que, ao mesmo tempo, estávamos vivenciando a Infodemia”, comentou Bernard.

Segundo o professor, a sociedade está lidando com o excesso de informação, muitas vezes equivocada, além das chamadas “fake news”. Assim, foi formado um grupo técnico, de diversas áreas de atuação, com o objetivo de produzir um Boletim Informativo, periódico, para fornecer informações de qualidade para a comunidade.

As informações eram catalogadas e distribuídas após a coleta de dados da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia (Sesab) e das prefeituras da região Sudoeste do estado. Além disso, diversos temas eram trabalhados para desconstruir mitos criados

e disseminados entre a população. O objetivo do “Boletim Uesb contra a Covid-19” era atuar em três linhas de combate: conteúdo equivocado, desinformação e informação falsa, dentro do contexto da pós-verdade.

Carlos Bernard





Com isso, a Uesb também auxiliou os gestores da região e do estado para as tomadas de decisões. Além do assento no Gabinete de crise de enfrentamento à Covid-19 em Itapetinga, a iniciativa aproximou a Universidade do Conselho de Saúde, tanto em Itapetinga quanto em Vitória da Conquista. Houve a participação da Uesb junto a entidades representativas, como a Câmara Legislativa, a integração do Boletim na rede de divulgação do Estado e a participação em programas de comunicação, levando informação para a comunidade.

Desafios e perspectivas – Para realizar esses trabalhos, os professores têm encontrado desafios, como na área financeira. “Todas as pesquisas que fizemos durante o período da pandemia foram feitas a partir de recursos já existentes dentro da Universidade”, pontua Bruno. Diante disso, algumas perspectivas os levam a pensar em saídas, como a criação

de startups ou incubadoras para buscar recursos nas áreas públicas-privadas. No que tange à agregação de mais pesquisadores, a professora Ana Cristina reforça a necessidade de olhar também para a saúde mental. “A pandemia afetou diretamente e negativamente em todos os setores e, principalmente, a saúde mental e emocional das pessoas. Então, quero valorizar as pesquisas nas áreas educacionais das Ciências Humanas e, principalmente, aquelas relacionadas à saúde mental do ser humano”, defende.

Já o professor Bernard explica que o distanciamento que há entre a ciência e a comunidade dificulta o acesso a informações de qualidade. “Há uma necessidade de potencializar a influência da academia junto à sociedade, e a academia pouco interagiu nesse ambiente de influenciadores sociais”, comenta.





Pesquisas e ações de extensão, realizadas por esses e outros tantos cientistas, reforçam a necessidade de ter a ciência como base para auxiliar a vida das pessoas e o gerenciamento de crise. Como diz a professora Ana Cristina Duarte: “espero que, por meio de nossas pesquisas, possamos trazer mais conforto e, também, fazer com que tenhamos uma qualidade de vida melhor e mais duradoura”.



Mara Ferraz,
jornalista



Baú de Inspirações



“A invenção das mulheres” (2021)

Escrita pela nigeriana Oyèrónké Oyěwùní, a obra traz uma nova maneira de compreender o papel social da mulher a partir de referências africanas, especificamente, da cultura iorubá. O livro é resultado da pesquisa de Doutorado da autora e um marco referencial no campo dos estudos de gênero.

“Valsa Brasileira” (2018)

Do boom ao caos econômico no Brasil. Escrita por Laura Carvalho, a obra traz uma visão sobre a economia brasileira entre os anos de 2006 e 2017. Além de diagnosticar o momento, o livro ainda propõe questões relacionadas à democracia, a investimentos públicos e ao bem-estar social.



Inspirações indicadas pela professora Vânia Oliveira e pelo professor Wesley Amaral, respectivamente.



Uesb e comunidade: uma parceria que resistiu à pandemia

Troca, contato, relação, parceria. Muitas dessas palavras fazem parte do ambiente da extensão universitária. Mas, o que define, de verdade, essa prática que envolve Universidade e comunidade? Segundo a pró-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, professora Gleide Pinheiro, “a Extensão propicia um espaço para que aconteça a interação entre o saber acadêmico, que é produzido na universidade, e o saber popular, que é produzido pela população”.

De acordo com a gestora, isso não quer dizer, no entanto, que a Universidade vai apenas levar o seu conhecimento. “Ela vai propiciar a interação, para que, a partir das práticas extensionistas, essa população alvo, que eu

costumo chamar de grupo protagonista, possa elaborar novos conhecimentos e, a partir daí, refletir e propiciar mudanças na sua vida”, explica a professora.

Educação no campo - As ações extensionistas também marcam profundamente a trajetória profissional da professora Arlete Santos, que, ao longo da docência, realiza diversas pesquisas e projetos voltados para a Educação do Campo, Diversidade e Movimentos Sociais. A professora, que hoje atua no curso de Pedagogia da Uesb, campus de Itapetinga, e no Programa de Pós-Graduação em Educação, tem sua história marcada pela militância nos movimentos sociais, especialmente no Movimento Sem Terra



■●✕

Arlete Santos

■ ● ✕

Durante 23 anos, Arlete foi professora da Educação Básica, atuando em escolas de assentamento do MST, e atribui a essa experiência a temática trazida em suas produções acadêmicas.

Para suprir a carência de formação em

Educação do Campo e de políticas públicas que tratam das especificidades do tema, surgiu o Programa Formação de Professores do Campo (Formacampo). A iniciativa busca habilitar profissionais que atuam na zona rural em uma educação pensada no campo e para o campo, observando a perspectiva dos camponeses, suas identidades, seus saberes e seu modo de produção.

Ensino de línguas - Com mais de meio século dedicado à educação, o professor Diógenes Lima trabalhou desde a Educação Infantil até a pós-graduação. Atualmente, ele integra o quadro docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagem da Uesb, campus Vitória da Conquista.

O docente é o idealizador e coordenador do evento de extensão “SolinEnglish and

Gleide Pinheiro



Other Languages – Series of Lectures and Roundtables in FL Teaching and Learning”, projeto que ele considera como seu bebê e pretende continuar trabalhando nele, de forma extraoficial, mesmo após a aposentadoria. Realizado anualmente, o

evento promove palestras e mesas-redondas e, em 2021, chegou a sua 13ª edição.

Nos primeiros 11 anos, a atividade era focada apenas na língua inglesa sendo chamada de “SolinEnglish - Series of Lectures in English” (Série de palestras em inglês). Entretanto, nas últimas edições, houve a inclusão do francês, espanhol e Libras. Segundo o idealizador, a iniciativa surgiu a partir de convites feitos a professores que vinham até a Universidade participar de defesa de bancas e qualificações e aceitavam palestrar para alguns alunos.

Fazer extensão com distanciamento social -

As ações de extensão sempre ocorreram de forma presencial. Professora da Uesb há 30 anos na área de Saúde e, atualmente, pró-reitora da área de extensão, Gleide conta que, com a pandemia, os extensionistas se viram diante do desafio de reinventar a





Forma de extensão para que fosse possível dar continuidade aos projetos, manter os vínculos já existentes na comunidade e assistir a população.

Mesmo nesse contexto, cerca de 180 mil pessoas foram alcançadas pelos projetos de extensão desenvolvidos na Uesb, oriundos da iniciativa de professores, alunos e funcionários dos três campi. “Nós, extensionistas, entendemos a importância de continuar, independente das atitudes dos governos, das pessoas, de alguns empresários”, reflete Gleide.

Durante esse período, foi possível apontar avanços em algumas iniciativas, mas, também, alguns entraves para a realização de outras ações. “Tivemos alguns projetos que saltaram de um público de 100 pessoas para seis mil pessoas. Aí eu vejo essa positividade da questão on-line. Em

contrapartida, nós tivemos algumas ações extensionistas que ficaram prejudicadas. São aquelas ações que estão ligadas, principalmente, ao público que vive em situação de vulnerabilidade social”, relata Gleide.

Ainda segundo a gestora, o novo formato vai além da pandemia. “A realização de atividades extensionistas na forma remota é algo que veio para ficar e acho que vai acrescentar ao presencial”, defende. Ela acredita que, nessa modalidade, é possível promover muitas trocas de conhecimento entre pessoas de diferentes territórios.

Entretanto, Gleide ressalta que é importante haver um cuidado para que a extensão na modalidade remota não sirva apenas como um depósito de conteúdo em uma rede social. “A extensão só ocorre realmente quando tem a interação entre o grupo que



está desenvolvendo a ação e a população alvo que está recebendo e, sobretudo, quando esse grupo reflete e toma aquele conhecimento, que foi elaborado ali, como algo que é significativo para mudar e melhorar sua qualidade de vida”, analisa a professora.

A falta de interação e a ausência do famoso “olho no olho” também foram ressaltadas pelo professor Diógenes como marcas desse processo remoto. Ele pontua que a interação feita por meio do chat, nos encontros remotos, nunca será igual ao que acontecia nos eventos presenciais.

No entanto, segundo o docente, ainda que haja contratempos, os resultados do trabalho on-line foram positivos, “devido ao grande alcance de pessoas, a frequência nas atividades e a expansão de fronteiras. Tivemos a oportunidade de contar com

Diógenes Lima



pessoas renomadas, palestrantes e pesquisadores de várias partes do Brasil e do mundo, que vieram compartilhar conosco os seus conhecimentos, suas experiências e suas pesquisas recentes”, comenta. No formato online, o “SolinEnglish and Other Languages”



alcançou mais de 500 pessoas, de várias partes do Brasil e de países como Espanha, Estados Unidos e França.

Para a professora Arlete, o momento de pandemia é repleto de desafios para a educação e sobretudo para os educadores. “A gente estava dando aula a vida toda, trabalhando presencialmente, e, de repente, chegou o momento que acordou e não poderia mais fazer aquilo, o momento que a gente teve que, de uma hora para outra, virar youtuber, sair gravando aula, fazendo atividade síncronas e assíncronas”, relata a professora.

Nesse contexto, ela destaca também o conceito de “uberização” da educação, que diz respeito ao trabalhador ter que custear os recursos para se manter no trabalho. “Tivemos que lidar com questões de internet, comprar maquinários, computadores,

etc. para fazermos com que a educação acontecesse”.

As Faces da tecnologia - “Seu microfone está fechado”, “abram as câmeras, por favor”, “alguém está com instabilidade na rede”, “desculpa, a internet caiu”. Muitos já ouviram uma dessas expressões nos últimos meses, seja em salas de aula ou em reuniões virtuais. A internet é uma das protagonistas do contexto pandêmico, pois foram as redes digitais que possibilitaram a continuidade das atividades em diversos aspectos. Seja para trabalhar, estudar, se comunicar com o mundo, se informar ou se divertir, a internet esteve e está presente.

A pandemia escancarou as desigualdades do acesso à internet em nosso país. Essa dualidade também está presente nas ações de extensão. Enquanto, em alguns momentos, a internet impôs desafios, em outros, ela se



mostrou uma forte aliada na manutenção das ações de extensão e permitiram até a expansão dessas atividades para um público maior.

Foram as novas tecnologias que também possibilitaram a ampliação das atividades do Formacampo. “Eu não conseguiria fazer a formação dos professores do campo se fosse na modalidade presencial, porque eu não teria como agregar quase 7 mil professores na Universidade”, afirma a professora Arlete. Inicialmente, o Formacampo seria realizado de forma presencial, atendendo apenas três municípios.

Com o on-line, o Programa passou a oferecer cursos de formação para cerca de 6.800 professores de 113 municípios de sete territórios de identidade da Bahia. As atividades são realizadas de forma remota,

por meio de transmissões no YouTube e na TV Undime. As lives de formação chegam a ser assistidas, simultaneamente, por aproximadamente três mil pessoas, e a serem reproduzidas 15 mil vezes em momentos assíncronos.

Para a pró-reitora de Extensão, a atuação durante a pandemia reforça o compromisso de levar para a comunidade o conhecimento produzido cientificamente, testado e comprovado, “para que, a partir do acesso a esse conhecimento, a população possa refletir, elaborar seu próprio conhecimento e tirar proveito de algo que vai realmente refletir positivamente na sua vida”, finaliza Gleide.



Beatriz Oliveira,
estagiária de Jornalismo



Baú de Inspirações



“Feitiço do Tempo” (1993)

Direção: Harold Ramis

Já imaginou ficar preso no tempo, tendo que vivenciar os mesmos eventos todos os dias? Em uma viagem para uma matéria especial do celebrado “Dia da Marmota”, o repórter Phil Connors é enviado para a pequena cidade de Punxsutawney, no estado da Pensilvânia (EUA). O que ele não esperava era ficar preso em uma espécie de armadilha temporal, capaz de fazê-lo reviver o mesmo dia vezes sem fim.

“Contágio” (2011)

Direção: Steven Soderbergh

Um vírus letal, transmissível pelo ar, capaz de se espalhar rapidamente. Após uma viagem para Hong Kong, com escala em Chicago, Beth Emhoff volta para casa, em Minneapolis, onde tem febre, convulsões e morre. Só que outros casos da doença misteriosa começam a surgir em diversos lugares do mundo. E agora, como controlar essa grande pandemia?



Inspirações indicadas pela professora Adriana Amorim e pela jornalista Aline Ferraz, respectivamente.



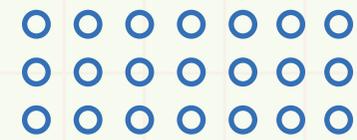
Saúde: do atendimento presencial ao remoto

Salas de aula, laboratórios, auditório lotado, seminário para executar, trabalho para finalizar, atividade física, bate-papo no corredor para distrair. Esse era um cenário típico da vida compartilhada por estudantes e professores da Uesb, em um passado nada distante. Hospitais, enfermarias, centros e espaços de saúde com um intenso fluxo de estudantes de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia, Farmácia e Odontologia, colocando em prática tudo que estavam aprendendo nas salas de aula.

Até meados de março de 2020, essa era a realidade de Ana Luiza Santos Rocha Pinto, aluna de Medicina, no campus de Vitória da Conquista, de Gilberto Alves Dias, aluno de Fisioterapia, e da professora e enfermeira Daniela Márcia Neri Sampaio, ambos no campus de Jequié.

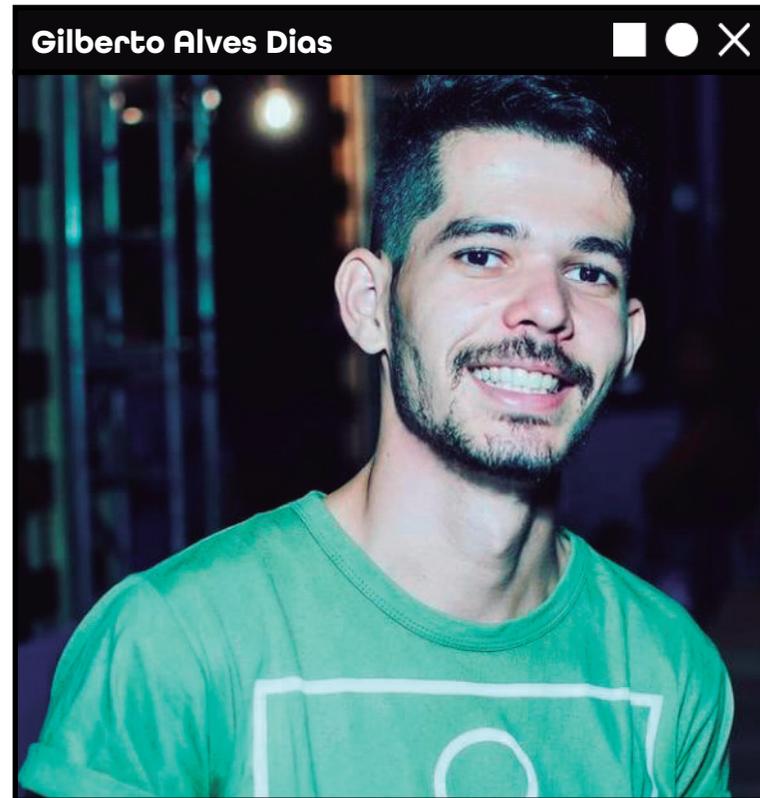
A discente Ana Luiza relata como ela e os colegas tinham acesso aos locais de saúde. “Antes da pandemia era tudo livre para a gente, não tinha nenhum impedimento em ficar nos ambientes do hospital. A gente estagiava no Hospital de Base, no Esaú, na Unidade de Saúde da Família, no Centro Universitário de Atenção à Saúde (Ceuas), ambulatório da própria Uesb, e, também, em outros serviços de saúde coletiva do município”, lembra.

Como professora da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, a enfermeira Daniela Márcia Neri conta em quais espaços as aulas aconteciam e qual público recebia os atendimentos dos alunos de Enfermagem. “Essa disciplina desenvolve todas as suas atividades dentro da Atenção Básica, no município de Jequié, com estágios presenciais



dentro das Unidades de Saúde da Família, atendendo a diversos grupos populacionais, como criança, mulher, adulto, idoso, adolescente”, explica.

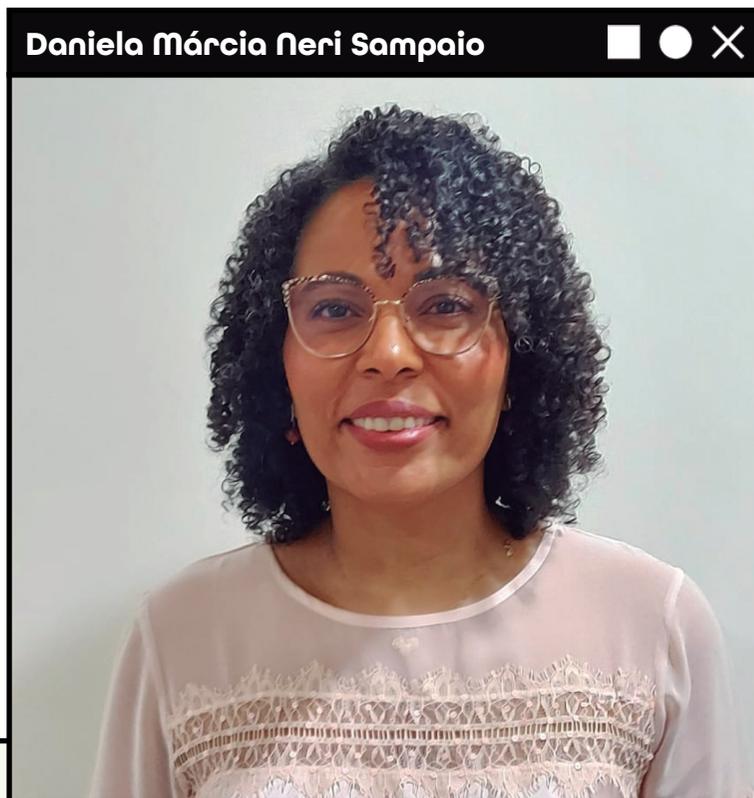
Quem poderia imaginar que os danos provocados pela pandemia iam durar tanto tempo e impactar as rotinas e os destinos de inúmeras pessoas? Gilberto Alves que, na época, estava cursando o 10º semestre e estagiando com os atendimentos em Fisioterapia, no Hospital Geral Prado Valadares, em Jequié, descreve sua aflição ao ver pacientes com outras doenças tendo as consultas suspensas. “Naquele momento, a gente tinha esperança que tudo ia se resolver de forma rápida. No entanto, isso não aconteceu e muitos dos pacientes que a gente acompanhava eram pacientes com doenças crônicas, desde cardiopatias a doenças renais, passando por doenças osteomusculares. A gente viu, sem



o atendimento, esses pacientes piorarem o quadro de saúde”, relata.

O que mudou? - Ao encarar a dura realidade imposta pela pandemia de Covid-19,

estudantes e professores das áreas da Saúde da Uesb criaram alternativas para se qualificarem, desenvolvendo estratégias que viabilizassem a volta dos atendimentos. Se o contexto pedia distanciamento social e as rotinas de estudo e atendimento precisavam acontecer de forma virtual,



as telas dos computadores, notebooks e celulares ganharam mais significado e importância com a realização de webinários e teleconsultas.

“Dois dias na semana, nós tínhamos encontros com profissionais de diversas áreas, tanto da área da Atenção Primária como da área dos Hospitais, enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, psicólogos. Então, tentamos trazer a realidade do webinário Webcovid, com a interdisciplinaridade do cuidado e de como isso afetou, diretamente, a vida desses profissionais”, explica Daniela.

Um grande passo dado pela turma de Gilberto foi aceitar as novidades e buscar conhecimento para continuar trabalhando com uma profissão que se caracteriza, essencialmente, pelo toque e contato nas pessoas. “Teve todo um processo de capacitação, de conhecer outros lugares



que estavam tentando alternativas parecidas, outros profissionais e, realmente, capacitar e ter a coragem. Quando a gente viu que dava certo e funcionava muito bem, com bons resultados, então, conseguimos avançar muito”, conta.

Lidando com os desafios - Longe da família, dos amigos e dos colegas, Ana Luiza e Gilberto não imaginariam um curso tão desafiador. Passado um ano e meio do início da pandemia, o medo de contrair a doença, as incertezas e as adaptações da nova vida acadêmica colocaram os estudantes em situações inimagináveis.

“Teve um dia que a gente estava no Hospital de Base, aí veio um pedido da Uesb para esvaziar os campos de estágio no mesmo momento. A gente saiu no meio, deixou as coisas tudo lá. Nesse primeiro momento, a gente ficou muito temeroso, não só por

questões do ensino, mas pelo que estava acontecendo mesmo, era tudo muito incerto”, narrou a aluna de Medicina.

“Já tive pacientes que foram internados na UTI, faltando 15 dias para a colação de grau. Pacientes que eram mães de três filhos, com filhos menores que um ano de idade. Tive pacientes que eram pais de família. Enfim, eu tive pacientes que, acima de pacientes, como qualquer pessoa, são a história e o amor de outras pessoas. Eu vi esses pacientes avançarem de pneumonia viral, evoluírem para pneumonia bacteriana, eu vi os rins desses pacientes começarem a falhar, irem para a hemodiálise. E eu vi inúmeros desses pacientes irem a óbito”, menciona Gilberto, que após a conclusão do curso de Fisioterapia, passou a viver essa experiência, também, como residente do Programa Multiprofissional em Urgência e Emergência da Uesb. “Não tem como não se frustrar e

Ana Luiza Santos Rocha Pinto



não ficar triste, por mais que a gente saiba que não vai salvar todas as vidas”, completa. Realidades distintas que se assemelham, nesse período de pandemia de Covid-19, com

a de tantos outros alunos e professores dos cursos das áreas de Saúde da Uesb e de outras Universidades. O mundo segue espantado com o efeito devastador do coronavírus, que, além de causar uma crise sanitária, provocou o aumento da desigualdade em diferentes níveis: social, econômico, educacional e profissional.

Superação - Para superar o momento, cada um deles encontrou ou está em busca de respostas, aprendeu ou ensinou algo novo e desafiador, tanto para a vida pessoal quanto para a vida acadêmica. Agora, cursando o último ano de Medicina, Ana Luiza conta o que mais aprendeu com toda essa experiência. “O que ficou pra mim foi a importância que existe de a gente se colocar no lugar dos outros e pensar de forma coletiva, porque, mais do que nunca, eu percebi que a saúde, de uma forma geral, não é pessoal. Não adianta eu cuidar de mim



e não me preocupar com o outro. E isso não é só com relação ao Covid, mas é em relação a tudo”, alerta.

A lição e o aprendizado que Gilberto vai levar são ensinamentos que todo cidadão, de qualquer área, deve valorizar. “Com certeza, a primeira coisa que fica é a valorização da vida. Mais do que nunca, a pandemia escancarou que a gente precisa viver as pequenas coisas da melhor forma possível. A gente não sabe até quando, principalmente agora, as pessoas que mais amamos vão estar com a gente”, lembra.

Cuidar de si e dos outros é o jeito que várias Anas, Gilbertos e Danielas encontraram para superar as adversidades e continuarem vivenciando os atendimentos em saúde. “A palavra que pode traduzir esse momento é realmente reinvenção. Nós precisamos aprender e nos reinventar a todo instante,

porque vivemos num universo dinâmico e, por essa constante mudança que a gente vivencia, sem dúvida nenhuma, precisamos estar aptos e abertos a essas mudanças. Então, é nos reinventar”, finaliza a professora Daniela.



Joana Rocha,
jornalista





Baú de Inspirações

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas, ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

(Carl Jung)

Em alerta com a Saúde Mental

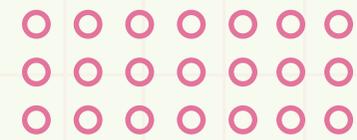
“No dia 18 de março, precisamente, eu saí da Uesb apenas com minha bolsa, para retornar no dia seguinte. Mas, no dia seguinte, estava tudo fechado”. A lembrança da psicóloga Vilma Maria Gonçalves é também de quase toda a comunidade acadêmica que, com

Vilma Maria Gonçalves



o decreto do Governo do Estado de 19 de março de 2020, não voltou à Universidade. Na época, com quase 30 casos do novo coronavírus confirmados na Bahia, o documento restringia a circulação entre as cidades baianas e autorizava a mobilização dos órgãos estaduais, para a aplicação de medidas que visassem à proteção da população.

Começava ali um período de incertezas e a quarentena, sem prazo definido. Enquanto a expectativa era de que, em poucos dias, a rotina retornasse ao normal, a Uesb buscou, de imediato, evitar aglomerações e o deslocamento das pessoas que estudam e trabalham na Instituição. Como cada uma dessas pessoas reagiu às medidas de distanciamento? Quais os impactos para a saúde mental depois de quase um ano e meio de pandemia?



São respostas que, aos poucos, estão sendo compreendidas por cada um, sobretudo pela área da Psicologia. “Sabemos que, durante esse tempo, de tantas coisas que aconteceram e ainda estão acontecendo, muitas famílias perderam entes queridos, pessoas muito próximas. O que eu percebo é que está acontecendo uma fadiga pandêmica”, define Vilma.

A servidora atua como psicóloga clínica e organizacional na Uesb, há quase dez anos, e destaca que os atendimentos nesse período têm mostrado as atividades remotas, acadêmicas ou laborais, como responsáveis pelo desenho de um novo cenário. “Houve uma mudança drástica dentro das casas, para que elas fossem adaptadas para escritórios ou salas de aula, e as pessoas não estão sabendo administrar essa questão”, pontua.

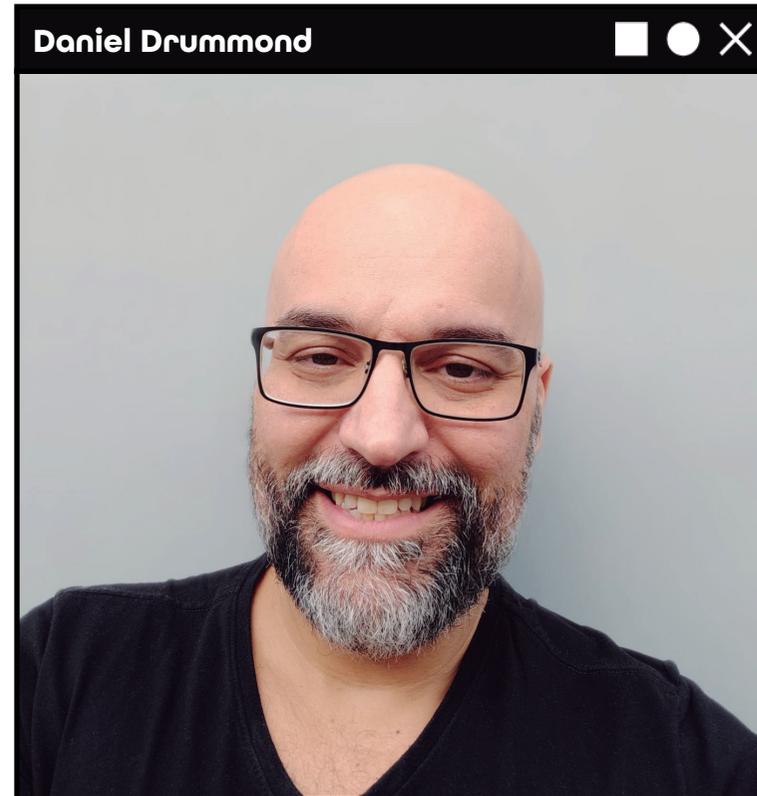
O professor do curso de Psicologia da Universidade, Daniel Drummond, lembra que o cenário de insegurança e instabilidade econômica e política também tem sido um desafio para todos. Além disso, o período evidencia aspectos próprios de cada pessoa. “Nós já temos muitas questões psicológicas que nos acompanham no dia a dia e algumas delas acabam mais acirradas e chamando mais atenção nesse momento”, expõe o docente e psicólogo.

Pesquisador e coautor do livro “Plantão Psicológico: novos horizontes”, Daniel destaca a importância de espaços de escuta para cada um e suas especificidades. “Todos têm dificuldades com algum aspecto da vida, das relações. O importante é a gente se dar conta de que isso não significa que, necessariamente, vai se transformar em um grande transtorno mental, mas que, pra isso

mesmo, a gente precisa se cuidar”, defende o professor.

Alternativas da rotina acadêmica - Entre as possibilidades de atenção à Saúde Mental, estão os atendimentos em formato de plantão. Nessa modalidade, a pessoa pode buscar ajuda no momento em que sentir necessidade e não tem a obrigatoriedade de voltar, mas pode marcar novas sessões, se desejar. O Plantão Psicológico faz parte dos atendimentos do Núcleo de Práticas Psicológicas da Uesb (Nuppsi), desde a sua implantação, há cinco anos. Ofertando os serviços de psicoterapia, psicodiagnóstico, psicoterapia em grupo e com a participação de residentes de Psiquiatria, o Nuppsi integra a rede de cuidados com a Saúde Mental da população de Vitória da Conquista e região.

Somente no Plantão Psicológico, mais de 3200 pessoas já foram acolhidas, totalizando



cerca de 5000 atendimentos. A partir da experiência de coordenar o Plantão Psicológico até o semestre letivo 2020.1, o professor Daniel Drummond explica como

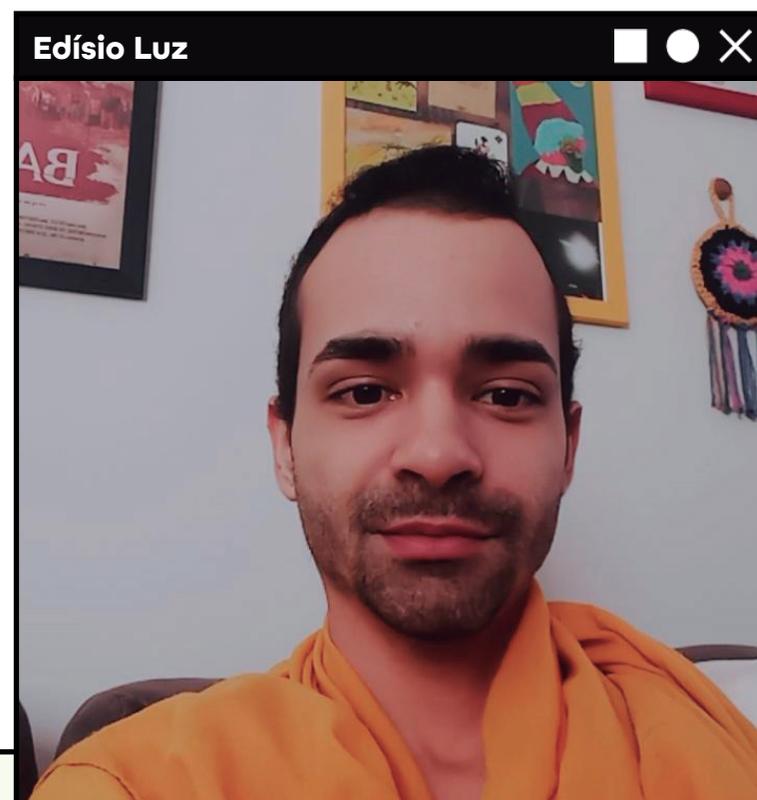


Foi se adaptar à nova realidade, desde que, ainda em março de 2020, o Conselho Federal de Psicologia orientou não só os profissionais, mas também os estagiários, para o atendimento on-line.

“Apesar dos atendimentos remotos já serem uma prática aceita pelo Conselho, até então não se permitia que os estudantes fizessem atendimentos on-line”, revela. Para o psicólogo que orientou e supervisionou os alunos nesses procedimentos, a experiência foi muito válida, tanto do ponto de vista acadêmico quanto profissional. “Dificulta o acesso para algumas pessoas que não têm o equipamento, mas, por outro lado, também facilita para que pessoas de vários locais não precisem se deslocar para ter o atendimento psicológico”, reflete o professor.

Novas ideias - Ultrapassando as barreiras regionais, também em março de 2020, uma

iniciativa dos alunos Adriana Vespasiana, Edísio Luz e Joyce Prates propôs o espaço virtual de acolhimento e escuta psicológica, em formato de plantão, que chegou a realizar atendimentos com pessoas de todo o país. O “Psicologia em link: viralize o cuidar de si” surgiu com o intuito de oferecer suporte



para estudantes, que, como os idealizadores, estavam vivenciando a necessidade do isolamento social. Contudo, já no mês seguinte da sua implantação, o projeto foi ampliado e chegou ao fim de dez meses com mais de 700 atendimentos realizados.

“Nós, como alunos, também tivemos que reinventar nossa prática. Os processos de estágio, de extensão, a pesquisa e, especificamente, os atendimentos”, analisa um dos idealizadores do “Psicologia em link”, Edísio Luz. “O projeto surgiu nesse período e é uma possibilidade de reinvenção da própria Psicologia, apesar desse cenário caótico”, complementa o estudante que, agora, está no nono semestre do curso.

Segundo ele, atuar como estagiário e monitor extensionista funcionou como um sentido em meio ao turbilhão em que todos se viram. “Quando se perguntam os desafios, as possibilidades e as nossas lições, pra mim,

estão muito juntas. Os desafios no nível acadêmico, como estudante de Psicologia, são as mesmas questões que me fizeram pensar que o meu trabalho poderia ser útil”, pondera o futuro psicólogo.

Edísio Luz chama a atenção, ainda, para como o cenário de crise levou a humanidade a repensar as suas singularidades, condições materiais e a saúde de forma integral. “Uma pandemia, que é terrível, fez a gente olhar de forma diferente para o nosso processo

Atualmente, o “Psicologia em link” retomou ao formato original e, em parceria com a Assessoria de Acesso, Permanência e Ações Afirmativas da Uesb, oferta atendimento psicológico on-line apenas para estudantes dos três campi. O cuidado com a Saúde Mental da comunidade externa fica por conta do Plantão Psicológico, que ainda funciona de forma remota.

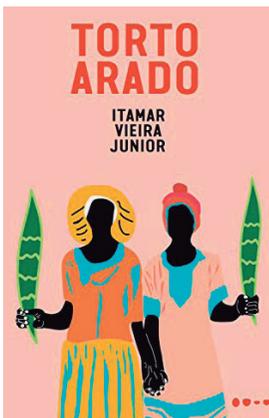
formativo, incluindo as tecnologias de informação e comunicação”, exemplifica. Para lidar com essa realidade, o estudante deixa o alerta: “se eu tivesse que dar uma recomendação seria de que as pessoas possam reconhecer os seus desejos e suas inclinações e procurem mais sobre isso, do que realmente gostam”.



Mariana Lacerda,
jornalista



Baú de Inspirações

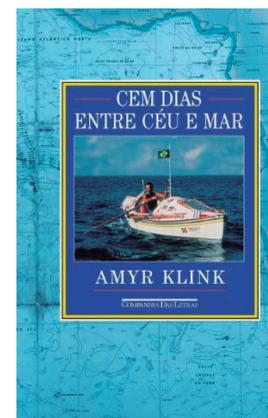


“Torto Arado” (2019)

É no sertão baiano que somos apresentados às irmãs Bibiana e Belonísia. Em prosa, o romance de Itamar Vieira Júnior nos leva a uma viagem pela vida, morte, combate e redenção, envolvendo questões como a seca, a violência contra as mulheres, as práticas escravocratas, mesmo após a Abolição, e outras opressões no campo.

“Cem dias entre o céu e o mar” (2005)

Já pensou fazer uma travessia, em um barco de remo, do porto de Lüderitz, no sul da África, até a praia da Espera, no litoral baiano? Em uma odisséia moderna, o escritor Amyr Klink percorre mais de 3500 milhas nesta narrativa de lutas, obstáculos e presságios.



Inspirações indicadas pelo professor Francisco André e pela professora Adriana Amorim, respectivamente.



Janelas para o mundo

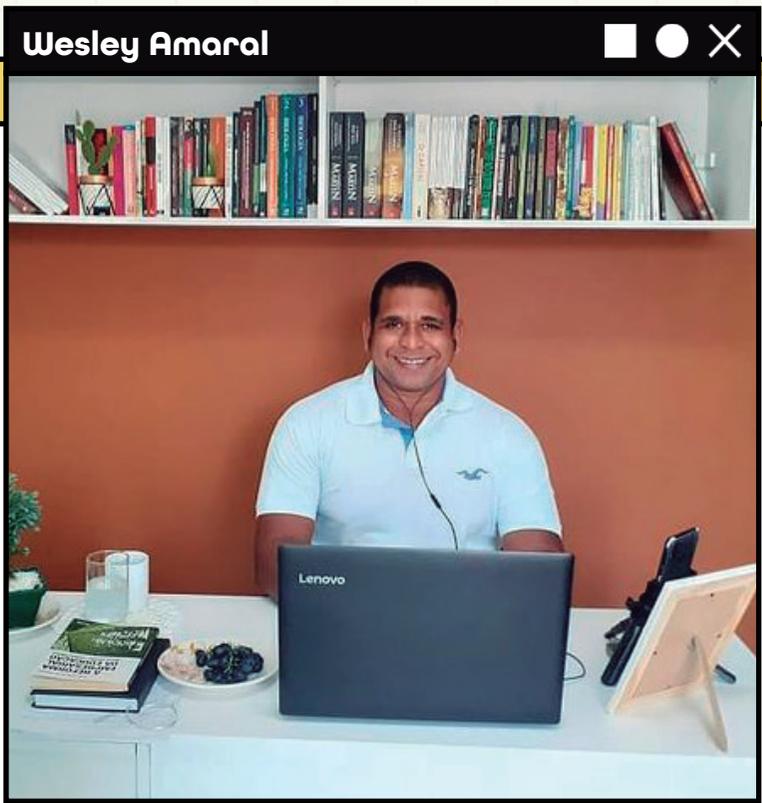
Com o isolamento social, a internet, a televisão e o rádio, que já estavam presentes no dia a dia, de uma hora para a outra, se tornaram as únicas janelas para o mundo externo. Dessa forma, a qualidade da informação disseminada nesses meios é de extrema importância para a compreensão do contexto atual.

Sendo a Universidade um espaço de desenvolvimento e difusão de conhecimento, professores, pesquisadores, técnicos e estudantes se empenham, diariamente, na produção de conteúdo de relevância social. Em linguagem acessível a todos, a missão é fazer com que mais pessoas tenham acesso à informação responsável e com qualidade, além dos muros universitários.

Biologia nas mídias sociais - Esse é o caso do professor Wesley Amaral. Biólogo e mestre em Ciências Ambientais, o docente

busca criar um diálogo mais próximo entre a Universidade e a Educação Básica, desde o seu ingresso na vida acadêmica. Percebendo nas mídias sociais um recurso para isso, Wesley começou um projeto de divulgação científica nesses espaços, como em seu canal do YouTube, onde expõe assuntos da área de maneira descomplicada e democrática.

Com a pandemia, um novo desafio surgiu para o biólogo, devido ao aparecimento e propagação de notícias falsas. Wesley, então, começou a desconstruir as famosas fake news em torno de temáticas da Biologia, por meio de vídeos didáticos e de linguagem simples, a fim de conscientizar a população sobre os perigos da desinformação. Para que a informação seja levada da melhor maneira possível, o professor passou a pesquisar sobre o funcionamento das diferentes mídias sociais, com o objetivo de adequar a linguagem utilizada em cada uma delas.



Wesley se alegra em dizer que, por meio do conteúdo produzido, pôde ter contato com pessoas que tomaram atitudes baseadas no conhecimento científico ali divulgado. “Mais do que nos alegrar, porque o nosso trabalho está dando certo, é, principalmente, nos alegrar que a informação está chegando a esse grupo de pessoas que, dificilmente, teria

acesso a uma informação qualificada, e com um rosto próximo ao seu, com um sotaque próximo ao seu, com um tom de pele próximo ao seu”, destaca. O professor lembra também como esse ato leva conhecimento a lugares que a informação científica antes não alcançava. Ele diz, ainda, acreditar que o caminho da educação é adequar a linguagem de modo que o conteúdo seja claro para as mais diversas gerações e classes sociais.

Educação em Saúde - O professor Nilton César Nogueira Santos é outro aliado da Universidade quando o assunto é produção de conteúdo informativo e seguro. Docente do curso de Odontologia da Uesb, ele é também líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (Grupo Espia), que atua nas mídias sociais com publicações sobre Saúde Bucal e bem-estar.

Entre os assuntos abordados nos perfis do Grupo nas mídias sociais, estão o

enfrentamento da violência infantojuvenil e práticas alternativas para a redução do estresse. Com a pandemia, o professor viu crescer a necessidade da produção desses conteúdos devido aos elevados níveis de ansiedade, notado, inclusive, nos próprios alunos da graduação. “Como a maioria dos professores e estudantes são de uma geração conectada Full time, percebemos a necessidade de aproveitar as tecnologias para alcançar esse público”, explica.

Com isso, Nilton percebeu o crescimento do alcance do projeto, atingindo pessoas de outras áreas do conhecimento que tiveram contato com os conteúdos do Grupo. Uma das principais preocupações do professor é a adaptação da linguagem utilizada nos atendimentos clínicos e nas redes do Grupo Espia. Como muitas vezes o público-alvo é formado por crianças e pessoas com deficiência, as publicações

precisam ser leves, informativas e lúdicas, de modo que a mensagem seja plenamente compreendida pelos receptores. “Num processo de educação em Saúde, é muito importante que o profissional perceba se sua mensagem está sendo compreendida, se ele

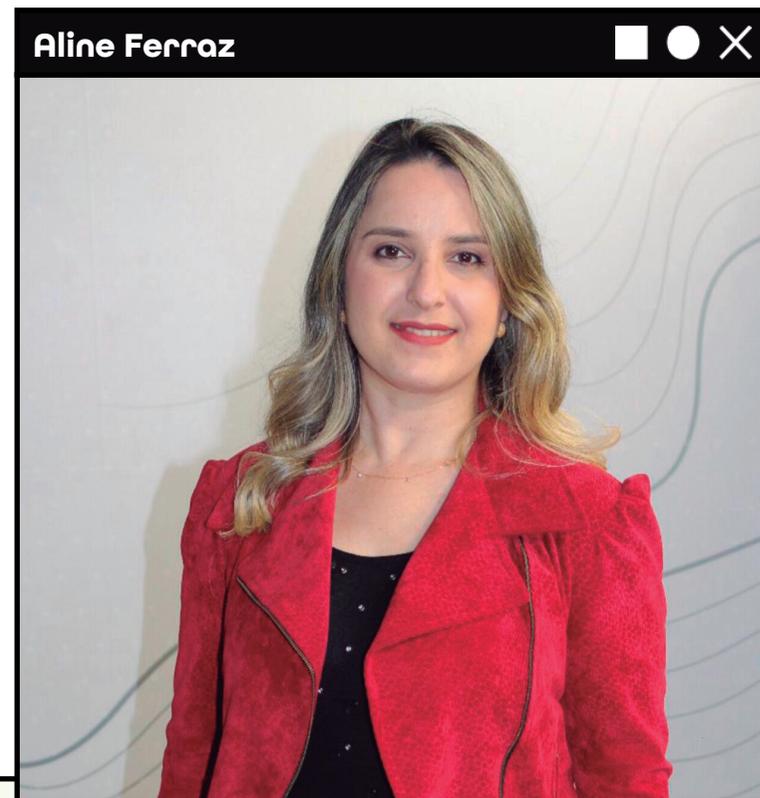


está conseguindo utilizar dos mecanismos que dispõe para que essa mensagem seja passada de forma atrativa e simplificada”, declara.

Para ele, o uso das tecnologias como complemento do ensino é uma mudança permanente que a pandemia trouxe. Por isso, é preciso haver a preocupação com a qualidade e a empatia na comunicação produzida nas redes. “Enquanto Formador, eu sempre digo: nós somos profissionais da Saúde, não da doença. Vamos pensar no bem, no positivo, sem perder o lado humano e a ética”, enfatiza Nilton.

Divulgação científica - O Jornalismo também precisou se reinventar e se empenhou em levar informação científica de maneira simplificada para a audiência. Aline Ferraz é jornalista, apresentadora e editora do programa Roda de Conversa da

Uesb FM. O espaço discute temas diversos e, no período do isolamento social, focou em pautas relacionadas, especialmente, à ciência e à Covid-19. “É com informação séria e de qualidade que devemos informar o nosso ouvinte”, declara.





Aline conta, também, que se preocupa em trazer para o programa especialistas nos assuntos abordados em cada edição, para ter um olhar mais apurado de cada tema. O relacionamento com o ouvinte também é algo que a jornalista percebe na construção das pautas tratadas no programa, já que, segundo ela, os ouvintes participam, ativamente, sugerindo pautas.

Nesse período, alguns desafios precisaram ser enfrentados, como a redução das equipes de profissionais devido aos riscos de contágio pela Covid-19, além de ataques a jornalistas. Aline aponta que a função do Jornalismo em um momento como esse é de dar voz aos cientistas, já que é um período em que a ciência se tornou a principal ferramenta no processo de desconstrução de mitos.

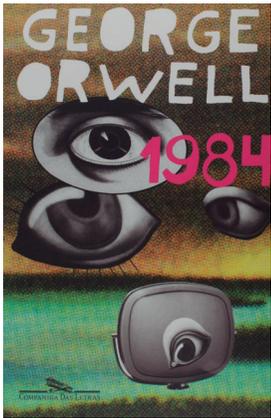
Para a jornalista, a pandemia também impulsionou a desaceleração das rotinas e a reflexão sobre si mesmo, processo que nem sempre é fácil de ser conduzido. Com olhar para o amanhã, Aline acredita que a humanidade precisa refletir qual mundo quer construir para as próximas gerações e acha que dias melhores virão. “Sou uma pessoa otimista, sempre penso que pode ser melhor amanhã e, pra isso, precisamos ouvir melhor o outro, com empatia, assim, conseguiremos atravessar esse período com esperança”, diz.



Leiane Oliveira,
estagiária de Jornalismo



Baú de Inspirações

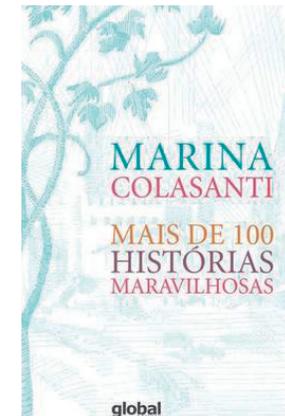


“1984” (1949)

Uma das distopias mais influentes do século 20, o livro conta a história de Winston, um homem preso em um sistema totalitário, completamente dominado pelo Estado e sob a vigilância constante do Grande Irmão. A obra de George Orwell traz uma reflexão sobre a essência nefasta de qualquer forma de poder totalitário.

“Mais de 100 histórias maravilhosas” (2015)

A antologia reúne contos de fadas escritos por Marina Colasanti ao longo de três décadas. Entre o simbólico e o imaginário, a autora constrói uma esfera de encantamento entre tempo, espaço e personagens embalados em linguagem metafórica. Um livro para sentir as palavras.



Inspirações indicadas pelo professor Francisco André e pelo estudante Edísio Luz, respectivamente.



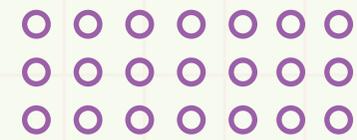
#CulturaSalva: como fazer arte no distanciamento social?

Um dos setores mais afetados durante a pandemia e por causa do isolamento social é o da Cultura. Desde 2020, cinemas, teatros, museus, casas de shows e outros espaços culturais deixaram de realizar atividades com a presença do público. Um paradoxo, já que, ao mesmo tempo em que foi fortemente impactada, a área cultural nunca foi tão essencial para alimentar a alma, contribuir para a Saúde Mental, amenizar a melancolia e a saudade do contato.

Desde que o distanciamento social começou, o consumo da arte aumentou, seja por meio de livros, filmes, músicas, ilustrações, vídeos ou pelas mídias sociais. Muitos artistas, por conta da proibição de aglomerações, repensaram seu contato com o público

e tiveram ideias incríveis. Nesse cenário, várias questões fazem parte da rotina de quem trabalha com a arte. Como viabilizar apresentações de dança em plena pandemia? De que forma promover o teatro sem o encontro? E a produção audiovisual, é possível diante de tantas restrições sanitárias?

Palavras como reinvenção, ressignificação, adaptação e reconfiguração dão conta de como chegar a essas respostas, ainda que essas práticas sejam presentes, constantemente, no cotidiano dos artistas antes mesmo da pandemia. O professor Francisco André Sousa Lima, que atua no curso de Teatro da Uesb, campus de Jequié, alerta que, no campo das Artes Cênicas,



Francisco André Sousa Lima



esses desafios são perenes. “Estamos em estado de exceção tanto no cenário político quanto social e sanitário. Mas esse cenário nos acompanha desde que o brasileiro

começou a fazer teatro, dança, música, as áreas culturais”, avalia.

De acordo com o professor, as políticas nunca foram muito auspiciosas no campo cultural. “Viramos pauta só a partir da década de 1990. Existem várias lacunas que não são preenchidas e tem ainda a dificuldade de se firmar enquanto um espaço de mercado. A cultura como um todo, principalmente as artes, geram emprego e renda, mas os mecanismos que existem ainda não dão conta dessa diversidade e das especificidades do fazer artístico, que não é apenas do ponto de vista econômico. A pandemia só agrava uma realidade que já era precária”, detalha.

Francisco destaca a falta de investimentos e de políticas públicas como um dos principais problemas enfrentados pela área. “A lógica



dos editais de fomento foi deixada de lado nos últimos anos. Esse é um grande problema da área cultural porque um dos primeiros setores a sentir isso é o campo artístico, independente do estado de pandemia. Temos pouquíssimos mecanismos de proteção, inclusive alguns até polêmicos, no caso da Lei Rouanet, que é uma tentativa de proteção desse campo cultural que ainda não dá conta de chegar à ponta”, explica.

Reinvenções - Com a pandemia, as dificuldades continuaram sendo superadas. Ao longo desse período, Francisco desenvolveu o projeto de extensão “Diálogos da Coxia”, rodas de conversa voltadas aos artistas e à comunidade para refletir sobre o momento atual e também propor soluções para a cadeia produtiva das Artes Cênicas. “O fato de transpor um espetáculo para o ambiente virtual é, na verdade, uma experimentação e nós, artistas, somos ávidos

por experimentação. Sempre tiramos uma lição positiva dentro de um contexto que é triste”, pondera.

Essa também é a percepção da professora do curso de Dança da Uesb, Vânia Oliveira. Para ela, as artes sempre foram do campo do possível e do impossível e, na pandemia, não foi diferente. “Mais uma vez, nos reinventamos para não sucumbir, não morrer com tantas violências que nos são impostas desde que o mundo é mundo e desde que a arte foi apresentada como uma expressão política, como caminhos para ressocialização, humanização, denúncias e anúncios das nossas conquistas”, ressalta.

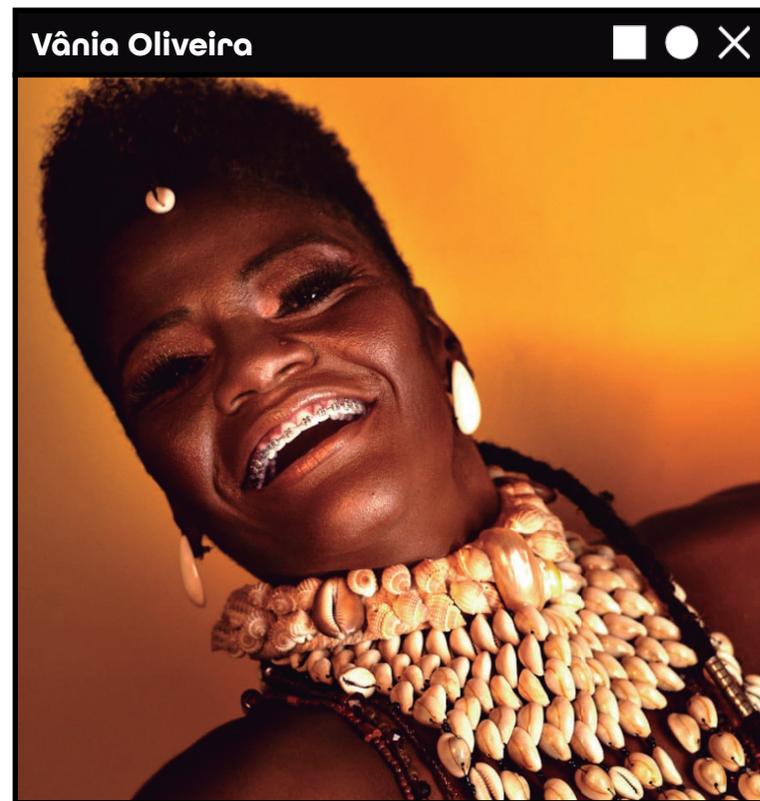
Em um estudo realizado por Vânia, ela apresenta o corpo como texto. “Digo, poeticamente, que o corpo é a caneta que escreve, e as nossas memórias, reflexões, histórias, ancestralidade, tudo que nos



compõe enquanto sujeitos é a tinta que preenche essa caneta. Assim, vamos assinando e escrevendo a história. Em um país sexista, misógino e preconceituoso, a arte se apresenta como ameaça. E quem quer isso?”, questiona. Para a professora, é necessário enfatizar a importância dos esforços coletivos sem abrir mão das singularidades. “Independente das diferenças e dos sentimentos que temos pelo outro, é importante entender o lugar do outro, que ele tem valor para a composição desse lugar, dessa comunidade”, reflete.

Apesar de todos os desafios e percalços, Vânia, que trabalhou com a Mostra Virtual dos Estágios Supervisionados em Dança durante a pandemia, propõe a escuta e a troca de experiências. “Tenho dito aos alunos: pare, silencie, escute você. Agora é hora de ativar o nosso ouvido interno para se entender e encontrar caminhos para isso.

E a retomada nas aulas da Uesb foi assim, com trocas entre os colegiados, ouvindo colegas que já trabalham no on-line antes da pandemia. Fizemos essa escuta, essa





parceria, e tudo na base no acerto e erro, sem medo. Ainda erramos muito, apesar da preparação que tivemos, mas a ação tem nos ensinado”, analisa.

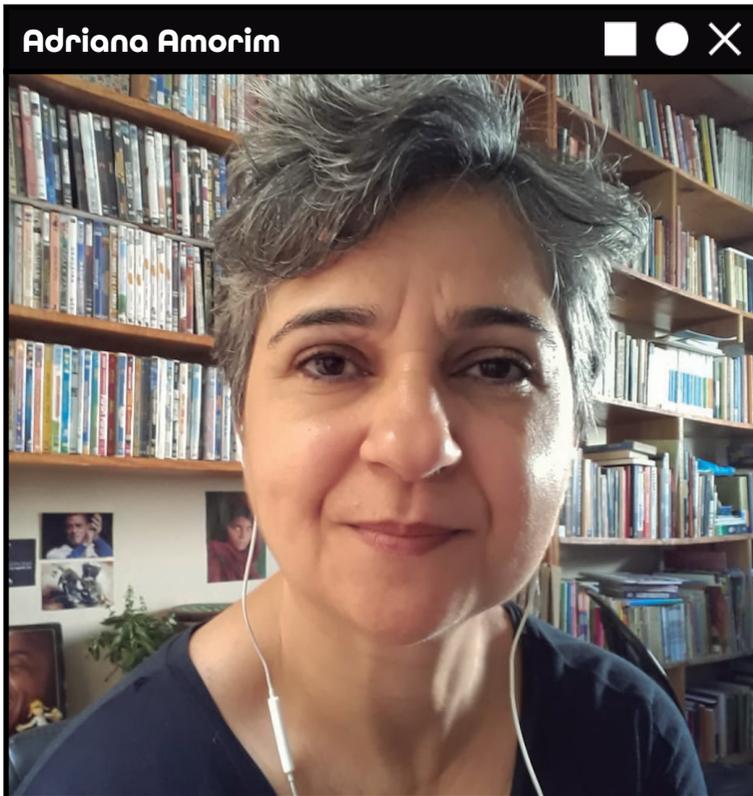
Audiovisual - Enquanto áreas como Teatro e Dança e tantos outros segmentos da arte vivenciam momentos de muita dificuldade, o audiovisual está vivenciando a contramão desse movimento. O período é marcado pela explosão de possibilidades de mercado, desde o Cinema até a produção de vídeos para aulas e lives.

A professora do curso de Cinema e Audiovisual da Uesb, Adriana Amorim, acredita que esse momento de boom deve ser usado para compreender que um curso de Artes precisa ser construído com subjetividades e, também, com elementos próprios do Audiovisual. “O Audiovisual é uma realidade na nossa vida e os cursos da área

estão se pensando nesse lugar. O mercado do Audiovisual explodiu com demanda de pessoas que saibam editar vídeos, sons. Há mercado tanto do ponto de vista da criação subjetiva quanto do ponto de vista prático e técnico”, analisa.

Na pandemia, Adriana esteve à frente de cursos de extensão de Cinema e Teatro, com foco na escrita e interpretação e, também, com um projeto voltado para estudantes de escolas públicas. Ela destaca a importância de promover o retorno das aulas e atividades que, mesmo com dificuldades, trouxe o encontro da forma que fosse possível. “No Colegiado de Cinema, sempre tivemos um entendimento muito preciso de que não iríamos transportar o presencial para dentro das telas, mas que estaríamos abertos para poder compreender e construir essa relação com os estudantes com todos os seus problemas sociais, psicológicos, emocionais.





O fato de se trabalhar com arte nos ajudou muito nesse ensino remoto porque estamos acostumados e é da nossa natureza o desafio, a dificuldade, a recriação”, conta.

Desafios e aprendizados - Profissionais da arte, Francisco, Vânia e Adriana entendem ser fundamental que os olhares se voltem para um processo de conscientização para quem produz arte e os holofotes trazidos pela pandemia devem ser aproveitados para essa compreensão. “Imagine você, sem nenhuma arte, sem nenhuma música, sem nada na TV que fosse artístico, sem nenhum quadro, sem nenhuma beleza exposta para você olhar, sem nenhum livro. Não tem vida, não tem humanidade assim! E é contraditória essa relação que temos com a arte porque a gente entende isso quase como se brotasse em árvore. O momento que estamos vivendo permite que as pessoas entendam esse processo e que haja a valorização desse profissional”, reflete Adriana.

Mesmo diante de tantas dificuldades que sempre fizeram parte da rotina de quem produz cultura, não há dúvida de que a



arte é essencial. Nesse cenário, Francisco aponta como positivos os mecanismos que a pandemia acabou gerando. “A Lei Aldir Blanc, por exemplo, foi uma resposta eficiente, uma imposição social. Não há como negar que o fortalecimento e a unidade da classe artística é algo que está no nosso fazer artístico e se acirrou ainda mais na pandemia. A Lei Aldir Blanc e a Paulo Gustavo (que está sendo proposta) talvez deixem aí um legado ou, pelo menos, uma reflexão de vias e estratégias para que o recurso chegue nos pequenos municípios”, reflete.

Adriana ainda faz uma referência a Aristóteles para refletir sobre os aprendizados trazidos com esse cenário. “Estamos vivendo um momento histórico que, nem de longe, é o pior da humanidade, apesar de todo o sofrimento. Se a sociedade está pensando no agora e em resolver essa questão, cabe ao artista pensar

no como deve ser. O Batman pensou em videochamada muito antes de nós. A arte é esse lugar de sonhar futuros e cabe à sociedade, à ciência, à tecnologia executar, tornar esses sonhos que foram sonhados por artistas possíveis”, afirma.

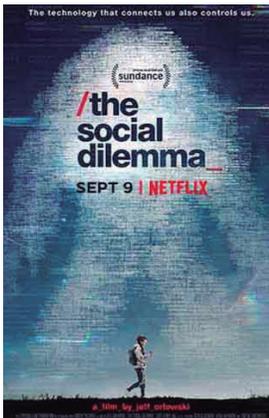
Para Vânia, é fundamental promover a construção da coletividade, como lembra um provérbio africano, citado por ela, “Se você quiser ir rápido, vá sozinho, mas se você quiser ir longe, vá em grupo”. A professora ainda destaca: “a dança atualiza os nossos conhecimentos e nos permite viver e não sobreviver. Viver é fundamental, sobreviver não nos interessa”, conclui.



Aline Luz,
jornalista



Baú de Inspirações



“O Dilema das Redes” (2020)

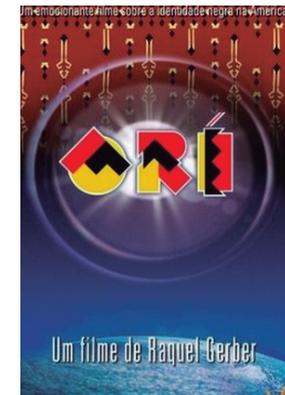
Direção: Jeff Orlowski

Será que ganhamos o mundo com as novas tecnologias ou estamos controlados por ela? Nesse documentário, ouvimos depoimentos de frequentadores do Vale do Silício, região dos Estados Unidos que reúne start-ups e empresas globais de tecnologia de ponta. Esses especialistas revelam como as plataformas de mídias sociais estão reprogramando a sociedade e controlando a maneira de pensarmos, agirmos e vivermos.

“Ôrí” (1989)

Direção: Raquel Gerber

Em Iorubá, Ôrí significa cabeça, consciência negra. Nesse documentário, somos levados a olhar um panorama social, político e cultural do Brasil, em busca de uma identidade que contemple as populações negras. Com o fio condutor da história de Beatriz Nascimento, historiadora e militante, o filme aborda os movimentos negros brasileiros entre os anos de 1977 e 1988.



Inspirações indicadas pela jornalista Aline Ferraz e pela professora Vânia Oliveira, respectivamente.



Os Formandos da pandemia

Em setembro de 2020, a realidade do Ensino nos três campi da Uesb mudaria. Diante da pandemia e do distanciamento social, o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) aprovou a adoção

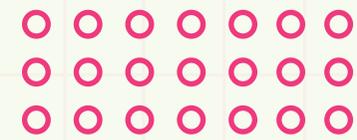
temporária do Ensino Remoto Emergencial (ERE) nos cursos de graduação e pós-graduação.

O medo e as inseguranças se misturaram com os projetos pessoais e sonhos profissionais de milhares de estudantes. Foi assim que muitos enfrentaram a nova vida acadêmica, para a conclusão do semestre letivo e continuidade das suas formações. Para alguns deles, o desafio chegou marcado pelo momento mais especial da trajetória universitária: as conclusões de seus cursos.

Roberto Claudio Mendes, por exemplo, estava no último semestre do curso de Direito (2020.1), em Vitória da Conquista, e realizava a pesquisa para escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre “Direito, Discurso e Poder: A linguagem jurídica como obstáculo ao acesso à justiça”. O estudante, que participou das discussões

Roberto Claudio Mendes





em torno do ERE como membro do Diretório Central dos Estudantes (DCE), finalizou sua trajetória e tornou-se bacharel em Direito, em uma cerimônia virtual. “Para nós, do movimento estudantil, a vivência na pandemia foi muito desgastante, um momento de muito trabalho e muitas reuniões on-line feitas pela Universidade”, lembra.

Nessa etapa final, o desafio de escrever um TCC em meio a tudo isso foi algo que exigiu uma dedicação ainda maior, como conta Roberto. “Na minha turma, recebemos orientação do TCC no início da pandemia e a escrita acadêmica ainda é uma dificuldade para nós do curso de Direito. Foi complicado porque somaram-se as incertezas, as questões pessoais, como o medo da contaminação, as perdas de vidas. A questão psicológica também foi bastante abalada”, destaca.

Segundo ele, o que mais afetou todo esse processo, especialmente, na reta final da graduação, foi o distanciamento social. “Com relação ao ensino, o maior impacto na pandemia para nós, é a falta, de fato, da Universidade no aspecto presencial. A gente teve que se acostumar com um “novo normal” universitário, que é uma vida sem ver os colegas, uma vida em que as atividades são muito mais exigentes conosco”, conta.

Ensino remoto e pesquisas na pós-graduação - Izabella Batista Muniz Formou em Engenharia de Alimentos e, no início da pandemia, era uma das alunas do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos. Quando começaram as medidas restritivas em Itapetinga, Izabella estava entrando no segundo ano do Mestrado, período em que precisava fazer experimentos em laboratório, mas não foi possível. “Foi

Izabella Batista Muniz



um amontoado de emoções, incertezas, insegurança. A princípio, não foi tão ruim, porque estava me sentindo cansada e precisava parar um pouco”, revela a pesquisadora.

Ao lembrar do período, ela destaca as mudanças de rotina que enfrentou nessa etapa da vida acadêmica. “Esse processo foi desgastante porque, no ensino remoto, a gente não trabalha só o horário comercial, temos que estar disponível todo o tempo, fora nossa privacidade, ter que dividir obrigações, cuidar da família e dar conta da Universidade. No começo, foi muito difícil administrar”, explica.

Para chegar à conclusão do Mestrado em fevereiro deste ano, no pico mais alto da pandemia, Izabella pôde contar com a sua orientadora. “Eram mensagens pelo WhatsApp quase o tempo todo e reuniões semanais via *Google Meet*”, recorda. Foi também por meio da plataforma *Google Meet*, que ela passou antes pela Qualificação – etapa que antecede a defesa da dissertação, trabalho final exigido no curso de Mestrado.





O processo de Finalização da pesquisa e conclusão do curso não foi simples. Izabella enfrentou desafios, se adaptou, defendeu sua dissertação para uma banca examinadora on-line e, no fim, ainda foi aprovada para cursar Doutorado no mesmo Programa. Tudo isso durante o período pandêmico. Em meio à correria, Izabella lembra que, enquanto se preparava para defender sua dissertação, já precisava agilizar documentos, matrícula e trâmites burocráticos da próxima etapa acadêmica.

Para ingressar no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos, Izabella participou do processo seletivo, via *Google Meet*. Atualmente, como doutoranda, ela comemora a possibilidade de cursar disciplinas em outras universidades. “Uma coisa que dá para extrair dessa situação de pandemia é em relação ao intercâmbio que é possível fazer

virtualmente. Neste ano, os programas de pós-graduação do Brasil e do exterior se juntaram e isso possibilitou cursar disciplinas em outros programas”, acrescenta.

Apesar dos desafios e mudanças abruptas, Roberto e Izabella contam que existem os lados positivo e negativo do ensino remoto. Ambos destacam algumas ferramentas de comunicação possibilitadas pelas tecnologias, como WhatsApp e *Google Meet*, muito usadas no processo de ensino-aprendizagem. Eles reforçam ainda que aprenderam muito e que valeu a pena superar os desafios trazidos por essas situações adversas. Os dois chegaram a concluir seus estudos e vivenciaram as solenidades da Uesb, também de forma remota.

As solenidades e celebrações de forma

remota - Durante o Ensino Remoto Emergencial, as solenidades e comemorações



também se reinventaram. Antes presenciais, momentos inesquecíveis para alunos e professores agora foram adaptados para acontecer de forma remota e, assim, realizar sonhos.

Na forma presencial, as Formaturas tinham maior duração e mais calor humano. Geralmente, começava na Universidade e terminava em clubes com festas. As cerimônias tradicionais iniciavam com a entrada dos Formandos em fila indiana, abertura de cortinas e existia a mesa de honra com autoridades, reitor, coordenadores de colegiados, patrono ou paraninfo, professor homenageado, hino nacional, leitura do juramento e, por fim, a tão sonhada concessão de grau ao novo bacharel ou licenciado. Os Formandos recebiam a faixa, saudações, faziam fotos com familiares e convidados. As emoções se evidenciavam no momento das homenagens

Jamile Santos



e na afixação das placas com nomes da turma nas dependências do campus.

A mudança nas solenidades, ritos e protocolos de Formaturas institucionais aconteceu com a Resolução da Uesb, publicada em 6 de março de 2021, que autorizou as colações de grau virtuais. A



primeira cerimônia nesse novo formato foi a do curso de licenciatura em História, campus de Vitória da Conquista, no dia 15 de março de 2021. Atualmente, os três campi da Universidade seguem realizando essas solenidades on-line.

“Hoje, mudamos um pouquinho o protocolo. Virtualmente, temos a abertura da solenidade com o reitor, o momento do juramento, a concessão de grau, as homenagens aos professores (opcional), a oratória de um concluinte, os discursos do paraninfo ou patrono (opcional), a fala do coordenador do Colegiado do curso e a fala do reitor que encerra a solenidade”, explica Jamile Santos, responsável pelo Cerimonial, no campus de Jequié.

As solenidades acontecem de duas maneiras: pública e de gabinete. A pública é realizada pela plataforma *Google Meet* e transmitida

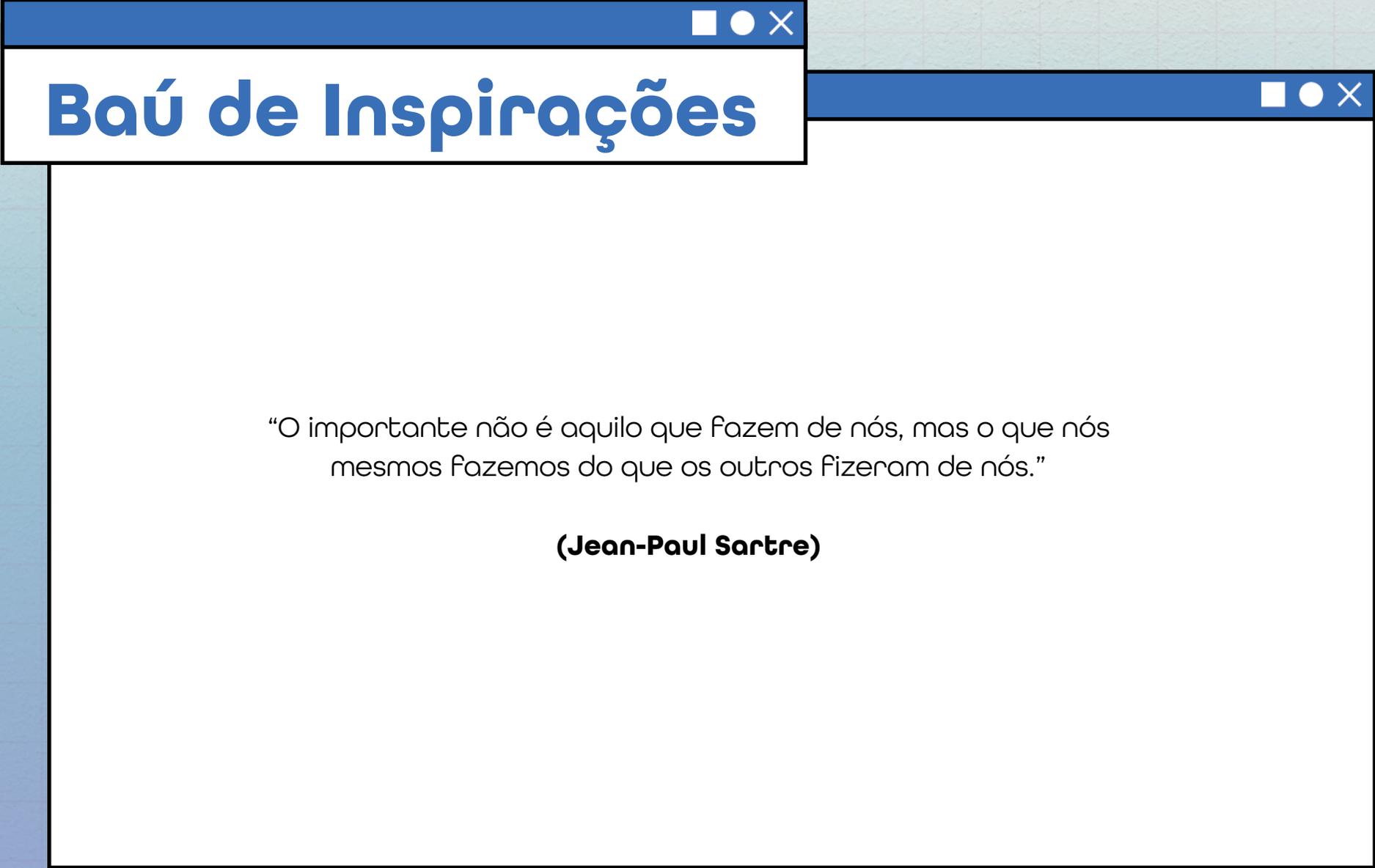
pelo canal UesbOficial no YouTube. Já a solenidade de Gabinete é simplificada, também acontece pelo *Google Meet*, porém é mais rápida e restrita, com a participação apenas dos formandos e um reduzido número de pessoas.

Nas solenidades de colação de grau, os formandos podem ensaiar os eventos previamente, pelo *Google Meet*. Aquelas que são transmitidas pelo YouTube ficam gravadas na plataforma, com acesso livre para serem vistas e lembradas por qualquer pessoa do Brasil ou do mundo.



Carlos Santos,
jornalista





Baú de Inspirações

“O importante não é aquilo que fazemos de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós.”

(Jean-Paul Sartre)

Licença Poética

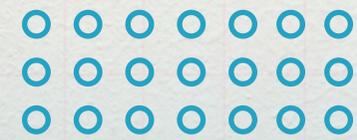
Chegou meio por acaso

Vivíamos bem antes dele. Minha esposa e eu já gozávamos de uma certa rotina. A pandemia, com suas exigências de restrições e cuidados, acabou por nos isolar ainda mais em nosso pequeno espaço. Ele também teve que se adaptar. Há mudanças que não são bem-vindas, outras capazes de fazer repensar diversos âmbitos da vida e do viver.

Poderia dizer que até que fomos pegos de surpresa, visto que dificilmente tratávamos do assunto. Aprendemos, com ele, os cuidados básicos, além do carinho, afeto e tudo que uma criatura tão pequena e indefesa exige de nós, os adultos e responsáveis. Como consequência, através dele passamos a conversar mais e experimentar em nós mesmos tudo o que oferecíamos. A pandemia revelou que muitos

relaxaram ou desistiram deste cuidado. Com a chegada do frio, preocupações com o seu conforto tornou-se uma obsessão da minha esposa. Não bastava eu dizer que ele estava bem. Não. Ela ia lá, no meio da noite, certificar se não havia nenhuma parte de seu minúsculo corpo descoberta.

A verdade é que nem mesmo eu me lembro se cheguei a me preparar para recebê-lo. Não sei bem o que se passou comigo naquele período. Embora saiba que nunca deixei de atender às suas demandas. Demandas que eu temia que me sobrecarregassem tornaram-se, com o passar do tempo, triviais e foram logo incluídas na minha rotina. Se eu deixo de fazer alguma coisa por causa dele? Não. Agora eu faço com ele por perto. A rotina dele tornou-se a minha e eu nem sei onde inicia ou termina o momento mais esperado dele: aquele de esticar as pernas, passeando pelo condomínio. Em época de



pandemia, caminhar diariamente nas ruas do condomínio se tornou sua verdadeira religião, e como tal, praticada inclusive nos domingos, feriados e dias santos: o lance dele é caminhar!

Em nossas caminhadas ele se torna o centro das atenções, seja pela forma como interage com as pessoas ou pelo nome complicado. Minha esposa, por razões afetivo-acadêmicas, o batizou com o nome de um filósofo russo: Bakhtin. E toda vez que tenho que escrever o nome dele, mesmo agora, tenho que soletrá-lo ou recorrer a algum livro na estante ou ao google mesmo. Às crianças eu não consigo explicar a razão do nome e aí acabo sempre inventando alguma história inverídica sobre o personagem. Aos adultos sou mais direto: o nome é russo e é muito parecido com aquele outro russo famoso, o anarquista Bakunin. Quando o

roteiro é praticado à risca, logo vejo o sorriso no rosto de quem pergunta e o assunto é dirigido sobre a política atual. O fato é que sempre fico na dúvida se realmente a ideia de anarquismo é algo assim tão familiar e compreensível para as pessoas que encontro. Mas isso seria assunto de filósofo, algo que nunca cogito, nem ergo!

A “força” do seu nome diz muito sobre a sua personalidade. Em casa ele é um anarquista de marca maior. No seu olhar e gestos parece que ele está sempre em busca da novidade. Às vezes fico imaginando se a sua cor favorita é vermelho, se uma data marcante do seu calendário é 1917 e se a “Estação Finlândia” diz algo pra ele. Se pudesse ter barba, deixaria crescer? E se pudesse votar, votaria mais à direita ou miraria no centro: no centro das mazelas, se posicionando mais à esquerda?

O fato é que a chegada dele em nossas vidas, faz alguns anos, foi transformadora. Por causa dele deixamos de fazer algumas coisas; com ele passamos a fazer tantas outras que, sinceramente, superam aquelas que deixamos de fazer. Passamos o pior momento da pandemia (esperamos!) juntos, minha esposa e eu, devotando carinho e cuidado a este recém-chegado. Não sabemos mais como seria a nossa vida sem este ser que hoje ocupa um grande espaço em nossas vidas, em nossas lembranças e em nossos projetos. Sim, projetos! A pandemia não tirou essa dimensão, a do futuro, do nosso horizonte temporal.

Sei que para muitas famílias a situação é bem outra. Em casa passamos por fase complicada da vida nacional juntos. Hoje não somos mais dois, mas três. Não deixamos de auxiliar as pessoas ao nosso redor e nos solidarizar com a dor de tantas

famílias enlutadas. Tudo isso faz parte da vida humana adulta e é até esperado que assim seja. Acolher a novidade, de um recém-chegado meio por acaso em nossa vida, virando tudo de perna pro ar, é algo marcante e um desafio que minha esposa e eu abraçamos durante a pandemia. O nosso cachorrinho Bakhtin é hoje parte importante da nossa vida e nos ajudou a atravessar esse período tão difícil, com mais leveza.



Jasson Martins
Professor do curso de
Filosofia da Uesb



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

